

Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI

contraponto

v.9, n.2, jun./dez. 2020



dossiê
História & literatura

ISSN: 2236-6822

PPGH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA DO BRASIL



@ 2020 by Revista Contraponto (UFPI)

ISSN 2236-6822

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada com fins comerciais.

Projeto gráfico, diagramação

Ronyere Ferreira.

Capa

Alexandre Mesquita

Revisão editorial

Johny Santana de Araújo

Ronyere Ferreira;

Márcio Douglas de Carvalho e Silva

Talyta Marjorie Lira Soua Nepomuceno

Revisão ortográfica

Os autores.



Reitor

Prof. Dr. Gildásio Guedes Fernandes

Vice-reitora

Profa. Dr. Viriato Campelo

Superintendente de Comunicação

Profa. Dr. Felon Martins da Rocha Neto

Chefe do Departamento de História

Prof. Dr. Antonio Melo Filho

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil

Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco

Editor Chefe da Revista Contraponto

Prof. Dr. Johny Santana de Araújo

Contraponto

Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil
da Universidade Federal do Piauí

ISSN: 2236-6822

EQUIPE EDITORIAL

Editor Chefe

Dr. Johny Santana de Araújo, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Editor Adjunto

Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Conselho Editorial

Dr. Johny Santana de Araújo, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Dra. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Dr. Jaison Castro Silva, Instituto Federal do Piauí, Brasil

Dr. Marcelo de Sousa Neto, Universidade Estadual do Piauí, Brasil

Conselho Consultivo

Dra. Mônica Raisa Schpun, Université Paris Diderot, França

Dra. Estefania Knotz Cangucu Fraga, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Dra. María Liliana da Orden, Universidad Nacional de Mar del Plata, Argentina

Dra. Maria da Conceição Pereira Ramos, Universidade do Porto, Portugal

Dra. Natália Ramos, Universidade Aberta de Lisboa, Portugal

Dr. Juan Manuel Saldivar Arellano, Chile

Dra. Amarela Varela Huerta, Universidad Autónoma de la Ciudad de México.

Dr. Arno Wehling, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB, Brasil

Dra. Yvone Dias Avelino, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Dra. Hebe Matos, Universidade Federal Fluminense, Brasil

Dr. Denilson Botelho, Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Dr. Jaime Rodrigues, Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Dr. Marcelo de Melo Rangel, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Dr. Mário Maestri, Universidade de Passo Fundo, Brasil

Dra. Valéria Regina Zanetti, Universidade do Vale do Paraíba, Brasil

Dr. Adelmir Fiabani, Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

Dra. Regina Helena Martins de Faria, Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Dra. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Dr. Antônio Fonseca dos Santos Neto, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Dra. Elizangela Barbosa Cardoso, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Dr. Solimar Oliveira Lima, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Dr. Paulo Augusto Tamanini, Universidade Federal do Paraná, Brasil

Secretaria Executiva

Me. Ronyere Ferreira, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Me. Márcio Douglas de Carvalho e Silva, Universidade Federal do Pará, Brasil
Ma. Talyta Marjorie Lira Sousa Nepomuceno (UFPI)

Pareceristas que colaboraram com essa edição

Dr. Idelmar Gomes Cavalcante Junior (UESPI)
Dr. Fábio Leonardo Brito Castelo Branco (UFPI)
Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento (UFPI)
Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro (UFPI)
Dr. Johny Santana de Araújo (UFPI)
Dr. Pedro Pio Fontineles Filho (UESPI)
Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco (UFPI)
Dr. Valério Rosa de Negreiros (UESPI)
Dra. Cláudia Cristina da Silva Fontineles (UFPI)
Dr. Jaison Castro Silva (IFPI)
Dra. Joseanne Zingleara Soares Marinho (UESPI)
Dra. Maria do Socorro Rios Magalhães (UESPI)
Dra. Maria Suely de Oliveira Lopes (UESPI)
Dra. Teresinha Queiroz (UFPI)
Ma. Ângela Maria Macêdo de Oliveira (UESPI)
Ma. Jayra Barros Medeiros (UFPI)
Ma. Lívia Suelen Sousa Moraes (UFPI)
Ma. Luma Pinheiro Dias (UFPI)
Ma. Priscila de Moura Souza (UERJ)
Ma. Talyta Marjorie Lira Sousa Nepomuceno (UFPI)
Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho (UFPI/UFC)
Me. Fransuel Lima de Barros (UFMA)
Me. Sérgio Luiz da Silva Mendes (UESPI)
Me. Márcio Douglas de Carvalho e Silva (UFPA)
Me. Ronyere Ferreira (UFPI)

Sumário

	Apresentação.....	11
	<i>Teresinha Queiroz</i>	
	<i>Maged Elgebaly</i>	
	<i>Ronyere Ferreira</i>	
	<i>Dossiê – História & literatura</i>	
1	Os arquivos literários e a invenção da literatura.....	21
	<i>Roger Chartier</i>	
2	Entre o real e o ficcional: escritas biográficas e escritas históricas.....	31
	<i>Talita Jordina Rodrigues</i>	
3	A institucionalização do culto à Maria na literatura episcopal na prévia do Concílio de Éfeso (século V).....	45
	<i>Ludimila Caliman Campos</i>	
4	Fausto histórico e literário: um mito do individualismo no contexto de transição da Idade Média para a Era Moderna.....	55
	<i>Silmara Rodrigues</i>	
5	Paris e a Terceira República: as tendências literárias e culturais na configuração de uma nova conjuntura histórica.....	69
	<i>Paulo Rodrigo Andrade Haiduke</i>	
6	A multiplicidade de sentimentos na poesia de Luíza Amélia de Queiroz.....	91
	<i>Jaiane da Silva Santos</i>	
	<i>Geisiane Dias Queiroz</i>	
7	História, literatura e ótica social: a ordem, a desordem e a cor nas <i>Memórias de um Sargento de Milícias</i>	115
	<i>Nilvânia De Souza Santana</i>	

8	O embaralhar das cartas: a cartomante de Machado de Assis e de Júlia Lopes de Almeida.....	137
	<i>Fábio da Silva Júnior</i>	
9	O realismo do fantástico em Machado de Assis.....	153
	<i>Alysson Quirino Siffert</i>	
10	O negro (na nação) de <i>O mulato</i> de Aluísio Azevedo.....	175
	<i>Marlzonni Marrelli Matos Mauricio</i>	
11	O negro em <i>Uma parisiense no Brasil</i> : uma imagem em (des)construção no século XIX.....	195
	<i>Iranildo Mota da Silva</i>	
12	Ordem, higiene e progresso: as reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro através do romance <i>O cortiço</i> , de Aluísio de Azevedo.....	209
	<i>Yuri Leonardo Rosa Stelmach</i>	
13	República de bacharéis no Império? Uma leitura de <i>Esau e Jacó</i> à luz da História e do Direito.....	223
	<i>Maria do Socorro Fonseca de Oliveira</i>	
14	“Um folhetim é uma coisa ligeira, vaporosa, saltitante”: as representações dos folhetins nos periódicos teresinenses (1871-1903).....	241
	<i>Wellington dos Santos Pereira</i> <i>Pedro Pio Fontineles Filho</i>	
15	Antônio de Alcântara Machado e os registros de uma cidade à procura de um autor: São Paulo, história e literatura.....	259
	<i>Leonardo da Silva Claudiano</i>	
16	A Amazônia de Waldemar Henrique e de Mário de Andrade no modernismo brasileiro (1927–1945).....	279
	<i>Robert Madeiro Dias</i>	
17	Belém, quando as letras encontram as telas: a representação da cidade analisada por Raimundo Morais nos quadros de Georges Wambach.....	297
	<i>Tunai Rehm</i>	
18	História e literatura: considerações de ordem teórico-metodológicas acerca das obras de Carolina Maria de Jesus.....	319
	<i>Sara Munique Noal</i>	

19	Memórias de uma <i>infância</i> infeliz: violência, opressão e... “um cinturão”.....	333
	<i>Helton Marques</i>	
20	Sentidos de infância no romance memorialístico <i>Menino de engenho</i> e no Brasil da Primeira República: literatura como fonte à história da infância.....	347
	<i>Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho</i> <i>Vanessa Pinto Rodrigues Farias</i>	
21	Jorge Amado e a Editorial Claridad: <i>La vida de Luiz Carlos Prestes</i> como “autoria coletiva”.....	359
	<i>Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio</i>	
22	A “Biblioteca do delito” como alegoria da trajetória intelectual de Jorge Luis Borges.....	377
	<i>Danilo Souza Ferreira</i>	
23	Entre história e ficção: <i>Palha de arroz</i> e a cidade incendiada.....	403
	<i>Alody Costa Cassemiro</i> <i>Raimunda Celestina Mendes da Silva</i>	
24	Os romances históricos de Assis Brasil.....	417
	<i>Vanessa Maira de Aquino Santos</i>	
25	Homens urbanos, homens rurais: a masculinidade nos romances de Assis Brasil.....	433
	<i>Priscila de Moura Souza</i>	
26	A prostituta e a prostituição retratadas em <i>Beira rio beira vida</i> , de Assis Brasil.....	453
	<i>Irisneide Máximo</i>	
27	Escrita de uma paraibanidade cultural em <i>Lendas e superstições</i> de Ademar Vidal.....	467
	<i>Maria Joedna Rodrigues Marques</i>	
28	“O Brasil não é o meu país, é o meu abismo”: Percursos literários de Jomard Muniz de Britto pelas contradições do Brasil contemporâneo (1982-2002).....	481
	<i>Fábio Leonardo Castelo Branco Brito</i>	
29	O “Fazedor de Sobral”: reflexões sobre o espaço literário em Lustosa da Costa (1942-2012).....	505
	<i>Cid Morais Silveira</i>	

30	Lendo Xue Xinran: protagonismo, estruturas sociais e contradições nas contribuições de uma autora chinesa para as humanidades.....	523
	<i>Daniel da Silva Klein</i>	
31	Nas margens da história: relações de gênero e violência no romance de Ilko Minev.....	541
	<i>Neila Braga Monteiro</i>	
32	História e literatura / realidade e ficção, presente e passado, espaço e tempo: os pares conceituais em três histórias de Ana Miranda.....	555
	<i>Mônica Naiara Pereira Da Silva Santos</i>	
33	<i>Matrinchã do Teles Pires:</i> um passeio entre a história e a ficção na literatura de Luiz Renato.....	575
	<i>Rosane Gallert Bet</i> <i>Henrique Roriz Aarestrup Alves</i>	
34	O Brasil colonial pelo olhar de Ana Miranda: uma leitura do feminino em <i>Desmundo</i>	591
	<i>Dinameire Oliveira Carneiro Rios</i>	
35	Imagens do tempo em <i>Vozes de Tchernóbil</i> de Svetlana Aleksievitch.....	611
	<i>Barbara Manguera do Nascimento</i>	
36	Objetividades, afetividades e escrita em debate na obra de Manoel Bomfim.....	625
	<i>Clayton José Ferreira</i>	
	Artigos livres	
37	A cultura africana na obra <i>Terra sonâmbula</i> de Mia Couto e a proposta metodológica para o ensino da literatura.....	637
	<i>Alexandre António Timbane</i> <i>Bárbara Oliveira Bomfim</i>	
38	Imagens de mulheres na música caipira “Prato do dia”.....	659
	<i>Alideia Oliveira Rodrigues</i> <i>Maria Lúcia Porto Silva Nogueira</i>	
39	“O abolicionismo do Ceará e o jornal <i>A Província de S. Paulo</i> ”: o papel do <i>Libertador</i> na projeção do vanguardismo abolicionista cearense no teatro do jornalismo (1881-1883).....	677
	<i>Francisco Paulo De Oliveira Mesquita</i>	

- 40 A escrita literária dos beneditinos na Bahia do século XIX: história das práticas de escrita e de leitura e suas aproximações com a circulação de impressos..... 701
Márcia Gabriela de Aguiar Barreto

Apresentação

História e Literatura

Teresinha Queiroz

Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí

Maged Elgebaly

Coordenador do curso de Letras (Língua portuguesa e suas literaturas) em Aswan University (Egito). Pós-doutorando no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)

Ronyere Ferreira

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí

As relações entre a História e a Literatura permaneceram durante muito tempo influenciadas pelo conceito aristotélico que preconizava o caráter universal da Poesia, em oposição ao caráter particular da História. Segundo essa concepção, a História ocupar-se-ia essencialmente do real, dando testemunho da sociedade e fazendo referência a uma trama complexa e efetiva de fatos e acontecimentos. A Literatura, por sua vez, teria a liberdade de narrar considerando não apenas a mimetização dos fatos inscritos na própria história, mas até mesmo o irrealizável, além de todo um repertório de possibilidades e virtualidades que, escapando ao mundo concreto e referenciado do historiador, poderia ganhar vida e significado no universo imaginário do poeta ou do ficcionista.

Hoje, tendo em vista sobretudo a multiplicidade de tendências historiográficas e o vigor dos estudos que têm como centro as linguagens, multiplicam-se as perspectivas do repensar e repropor as relações entre História e Literatura, em bases mais convergentes, uma vez que, a partir desses novos paradigmas, o discurso historiográfico passa a privilegiar objetos não focalizados por óticas objetivistas e estruturais que predominaram por muitas décadas do século XX, voltando-se cada vez mais para o registro da vida cotidiana, das diferentes modalidades de crenças, dos costumes, das sociabilidades literárias, das relações familiares, da infância e outras idades da vida e para as dimensões imaginárias da sociedade. Esses novos interesses favoreceram, entre os historiadores, a redescoberta do discurso literário como um registro de alternativas ou

virtualidades que, embora não necessariamente desenvolvidas no processo real dos acontecimentos, tornam-se testemunhos daquele meio social, expressão legítima de sua historicidade.

Tanto a Literatura como a História vêm colocando em plano secundário abordagens que apenas punham em relevo autores e obras, destacando as ideias por essas veiculadas, em abordagens ligadas à tradição da história das ideias, ainda de padrão iluminista, que se instaurou, ganhou corpo nos últimos dois séculos e cujas “origens” podem ser localizadas no século XVIII. Em que pese a força dessas práticas escriturísticas canonizadas, os estudos historiográficos e as perspectivas do campo das linguagens passaram a incorporar, para além da vida e da obra dos autores, outras variáveis analíticas, ancoradas no social, que podem não apenas explicar a especificidade intrínseca dessas obras, mas também evidenciar articulações mais consistentes entre História e Literatura, vista na sua complexidade de registro rico, tenso e criativo, que associa apreensões de vidas contadas e de mundos inventados. Desse modo, História e Literatura partilham cada vez mais o interesse por aquilo que diz respeito à vida cotidiana, às dimensões da subjetividade humana e às aproximações entre a vida social no seu sentido mais amplo e a vida literária.

Para além da obra em si, e das biografias realistas e imaginárias de seus produtores enquanto sujeitos da criação literária, interessa cada vez mais o estudo da História, não apenas para dar ênfase às conexões vida-obra, para realçar a vida pessoal na composição de biografias intelectuais, porém igualmente para definir (ou para lançar conjecturas) articulações entre essas vidas que têm (ou poderiam ter) uma marca singular e todo o universo social mais amplo que as configura, com graus variáveis de complexidade.

Embora o historiador tenha consciência de que a literatura, enquanto produto estético, resulta de procedimentos linguísticos e retóricos específicos, sendo dotada de plurissignificações, não se pode perder de vista a noção de que tanto o criador quanto a obra estão imersos em contexto social que também confere sentidos particulares ao produto ficcional. Daí a relevância de estudos integrados entre os pesquisadores dos diferentes campos das Letras e da História, em encontros que favoreçam a expansão e a criatividade nos usos de antigos e novos suportes de escrita, divulgação e leitura de fontes capazes de tornar a compreensão da Literatura cada vez mais como registro compreendido em sua historicidade. Nessa perspectiva, não apenas conjugando esforços, mas divulgando os resultados de pesquisas, críticos literários, estudiosos das linguagens nas suas mais distintas expressões, teóricos da Literatura e historiadores podem descobrir novas formas de utilização de diferentes acervos, gerando novos diálogos, enriquecer as respectivas áreas de saber construindo ou incorporando novas modalidades de interpretação.

Realçamos esses aspectos consensuais e de aproximação também para remarcar que eles não correspondem à riqueza dessas relações. Na longa continuidade das relações entre História e Literatura, essas relações guardam especificidades próprias em que cruzamentos interdisciplinares (ou sua recusa), interlocuções conflituosas e problemáticas, distanciamentos e deslocamentos maiores ou menores entre os dois campos, convergências, divergências e afinidades têm ocorrido, propiciando e favorecendo os enriquecimentos disciplinares, seja por meio de

diálogos criativos e abertos, seja pelos conflitos mais intensos e de posturas mais agressivas. A emergência e o indiscutível vigor da História Cultural ao tempo em que pôs a nu esse cenário de disputas interdisciplinares, de âmbito global, terminou por criar as bases para novas relações que se estabeleceram entre as duas áreas do conhecimento.

Enquanto as décadas de 1960 a 1990 podem ser, de um modo muito geral, reconhecíveis pelas intensas disputas, criadores de novas divisões disciplinares e de novas relações de poder no âmbito das Ciências Humanas, se constituem como um tempo de vigor do pensamento social e das dimensões estabelecidas e então reconfigurados no espaço-tempo da cultura escrita. O desejo do voltar-se para as produções intelectuais desses tempos recentes nos induz a insinuar, de forma breve, as notáveis transformações, reconfigurações, disputas e partilhas instituídas e favorecidas por obras seminais, como as de Foucault (1986 [publicado originalmente em 1969]; 2019 [1970]), Certeau (2015 [1995]; 1985 [1993]), Veyne (1983 [1976]; 1987 [1983]), Ginzburg (1987 [1976]; 1989 [1986]), Chartier (2002 [1985]; 1996 [1985]; 2002 [2002]), Darnton (1987 [1982]; 1992 [1991]), White (2001; 2019 [1985]) e Williams (1989[1973]), para lembrar apenas historiadores, filósofos e críticos literários implicados nessas mudanças e influentes, não apenas na cultura historiográfica, mas na cultura brasileira. Remissão no campo das Letras e das Linguagens não poderia ignorar os impactos continuados de Saussure (2012 [1916]), as leituras de Bakhtin (1990 [1975]), Barthes (1988 [1984]), Hutcheon (1991) e do já citado Hayden White.

No Brasil, a virada historiográfica dos anos 1980 repercutiu essa ebulição no campo das Ciências Humanas de maneira seletiva, enfatizando as interlocuções com a História Social – especialmente a de matriz inglesa. A partir sobretudo dos autores franceses e de seus sugestivos estudos centrados na Linguagem (o enraizamento social dos discursos, as práticas discursivas e suas tônicas, a atenção às retóricas constitutivas das diferentes formas de expressão escrita, o discurso como representação), atentou-se para a necessidade de problematizar as velhas epistemologias. Apesar das reconhecíveis disputas disciplinares na historiografia brasileira dessa época, uma leitura das obras de maior impacto entre os historiadores sugere que estávamos longe de experimentar as batalhas discursivas e as guerras por distinção que em certos momentos pôs em campo o paradigma estabelecido dos Annales, a História Social (marxista), os teóricos da Linguística e da Teoria Literária em suas versões mais críticas ao discurso do historiador e as sugestões de elisão de fronteiras em benefício da Teoria Literária. Essa movimentação do conhecimento e a emersão de suas novas formas, ao vergastar o estabelecido, sugeriu uma leitura metafórica do campo (de disputas): os inimigos batem à porta da História, a cidade historiográfica organiza a defesa e ocorre, seguramente, renovação da disciplina e alargamento que alcança não apenas o aspecto temático como igualmente suas epistemologias. Essa interpelação avassaladora vinda tanto do campo filosófico quanto do linguístico e literário alimentou fantasmas que, em certo momento, aterrorizaram os historiadores – o retorno visto como terrificante das narrativas do político e do sujeito – vistos como um flerte com o passado (e as compreensões dele) caricaturado nas influências e continuidades do modelo Langlois/Seignobos. No Brasil desses anos não tão distantes, essa inquietação foi nomeada como “crise dos paradigmas”.

Dessa “Era dos Conflitos” passou-se à “Era das Negociações”, na qual as fronteiras da Ciência, da História e da Arte vão se tornando mais maleáveis e transponíveis, remarcando a convivência e, para alguns, a passagem mesmo de um paradigma do social ao domínio do cultural, cujas porosidades indicam talvez a força de uma maior alteração na produção/difusão dos saberes e uma compreensão mais difundida das pluralidades das práticas sociais e de seu permanente devir. Não que essas passagens sejam necessariamente validadas. Durante a década de 1990 essas aproximações, bem como o emprego recorrente da noção de discurso como representação e também como prática, tornou ainda mais complexas e interligadas as insurgências e as acomodações nos diversos campos do conhecimento. Um dos resultados desses encontros e conflitos instáveis talvez seja o recuo daquelas fórmulas milenares vindas dos tempos de Aristóteles, mostradas no início desta apresentação.

Neste Dossiê é possível ter acesso a faces das relações entre História e Literatura, que guardam sintonia com algumas das cristalizações da tradição, bem como com os novos aportes que vêm sendo introduzidos – modificando, questionando, recusando ou simplesmente reelaborando as tradições anteriores e canonizadas. Percebe-se certo recuo da intensidade das interlocuções e dos desafios que tomavam a feição de retórica de antagonistas. Mesmo que pareça sutil esse deslocamento, já aparece como consolidação de uma tendência na produção das duas áreas. Evidentemente, sugerimos uma hipótese.

Colaboradores de quase todo o Brasil foram sensíveis à chamada, propiciando ao Dossiê a consecução do objetivo proposto pelos coordenadores:

[...] reunir artigos acerca das relações entre História e Literatura, através de reflexões sobre experiências de grupos ou sujeitos históricos inseridos em diferentes espaços e períodos. A partir de perspectivas interdisciplinares, busca-se coligir estudos que problematizem as historicidades dos autores e/ou suas obras – contos, poesias, crônicas, romances, dramaturgias, etc. Nessa proposta, a literatura, para além de seu caráter social, interligado a uma complexa rede de fatores enraizados nas experiências históricas de seus produtores e receptores, bem como um testemunho sobre determinadas realidades, sujeitos, sensibilidades, valores, ideologias, representações e códigos culturais. Dessas múltiplas relações e testemunhos, surge um amplo e diversificado horizonte de pesquisa a ser explorado, no qual podem ser contempladas diferentes temáticas, tais como história das mulheres, imprensa, escravidão, manifestações culturais, política, religião, saúde, entre outras (QUEIROZ, ELGEBALY, FERREIRA, 2020).

As respostas não poderiam ter sido mais animadoras e o número de artigos recebidos para avaliação (56) mostra o interesse pela temática, a vitalidade de ambos os campos, além de uma aparente tranquilidade na convivência interdisciplinar, que apontam não só para relações relativamente pacificadas, o que não significa elidir as notáveis diferenças, como pode ser observado na visível influência norte-americana entre os estudiosos da Literatura em virtude da riqueza e diversidade assumidas pela Teoria Literária e um modo recente de adentrar na seara historiográfica, especialmente com os recursos teóricos e conceituais nomeados “metaficção” e “metaficção historiográfica”. Os estudos metaficcionais, como é sabido, tomam como referên-

cia teorias principalmente de origem anglo americana, entre os quais pontifica Hayden White. Entre os pesquisadores atuais, como Linda Hutcheon e Julia Kristeva, a pretensão de ampliar os estudos historiográficos sugere uma revisitação das narrativas construídas pelos historiadores, para nelas apor as virtualidades, os possíveis e, sobretudo, indicar os silêncios e fazer ecoar novas vozes. Evidentemente, há variações no campo e este Dossiê permite a observação de algumas. Os estudos metaficcionais afirmam outras modalidades de encontro/desencontro entre a História e a Literatura e apresentam as renovações na esfera dos Estudos Literários, bem como sinalizam para as multiplicidades de apropriação e reinvenção do passado. Com isso, a História e a Historiografia se tornam objeto da Literatura. A História (escrita) se torna fonte. Os empréstimos e trocas são cada vez mais perceptíveis e apontam para horizontes que aparecem associando os dois interesses.

Verificamos também a apropriação cada vez mais consistente da Literatura, em todos os gêneros, pelos pesquisadores da área de Educação. Identificamos igualmente o cuidado dos colaboradores com as múltiplas historicidades dos produtos, ou seja, cada vez mais uma expressiva consciência do tempo como o solo fecundo e incontornável das diferentes formas da escrita e das características de seus suportes materiais e imateriais.

Esse esforço colaborativo e essas permeabilidades de fronteiras não elidem as especificidades disciplinares e as diferenças nessas duas antigas tradições do conhecimento ocidental. O que se esvaiu, parcialmente, foi o polemismo que marcou as décadas finais do século XX no Brasil, o que pode ser bem exemplificado pelas disputas diretas ou sub-reptícias nas abordagens dessas relações em Nicolau Sevcenko (1992, 2003) e em Sidney Chalhoub (2003), historiadores muito representativos desses trânsitos disciplinares. Ao tempo em que a obra Nicolau Sevcenko é incorporadora das novas vertentes culturais¹ e interdisciplinar, flertando com o *linguistic turn* e inserindo a historiografia nas perspectivas ditas pós-modernas, Sidney Chalhoub professa continuada e reivindicada adesão à História Social (inglesa). Sob um substrato de diferenças, os autores compartilham a posição que foi bem expressa por Sevcenko: “Fora de qualquer dúvida; a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover; mas não se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade de seus frutos não depender das características do solo, da natureza do clima e das condições ambientais?” (SEVCENKO, 2003, p. 29).

No Brasil, especialmente no que diz respeito aos Estudos Literários, por muitas décadas tem prevalecido o cânone, tanto no sentido da continuidade de aportes teóricos fundados nas obras seminais de Antonio Candido, Luís Costa Lima e Alfredo Bosi – destacando-se a força da Escola Paulista e o domínio do conceito de formação do sistema literário –, como do ponto de vista da seleção dos autores/obras como objeto de interesse. Neste Dossiê, isso pode ser observa-

1. No Brasil, propor a cultura como tema, em épocas de governos autoritários, constituía, *per se*, uma insurgência e atraía um certo desprezo na própria universidade. O “literatura como omissão”, epíteto atribuído ao livro de Nicolau Sevcenko pelas esquerdas “uspianas” é sintomático da força desses preconceitos dos anos 1980 no que se refere à cultura como objeto de estudo e fornece a marca de um lugar, nos termos de Michel de Certeau (SEVCENKO, 2002; CERTEAU, 2015).

do nas escolhas feitas – e oriundas em sua maioria dos cursos de pós-graduação em Letras – dos escritores renomados na literatura brasileira, como Machado de Assis e Aluísio Azevedo, cujas produções atravessam séculos sem mostrar sinais de esgotamento e sem redução das edições e das vendas². Destaques para Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Joaquim Manoel de Macedo, Alcântara Machado, Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Júlia Lopes de Almeida³. Para o que nos interessa, queremos reforçar que o gosto pelo cânone não se expressa apenas na escolha dos autores-obras que suportam dezenas de análises, como igualmente nas interlocuções teórico-conceituais envolvendo os mais reconhecidos críticos literários brasileiros.

Para além do aspecto acima apontado, constata-se a ampliação do interesse pelas literaturas de várias origens e que são, seguramente, referências da cultura mundial, hoje. Os colaboradores trouxeram à cena literatos latino-americanos (Jorge Luís Borges), africanos (Mia Couto), europeus (Marcel Proust) e asiáticos (Xue Xinran). Nas escolhas realizadas pelos colaboradores, os destaques, considerando as clássicas periodizações da Literatura Brasileira, contemplaram o Romantismo e o Realismo, mas, sobretudo o Modernismo e a Literatura Contemporânea com suas variadas experimentações estéticas e retóricas. Entre as diversas correntes assumidas pelo Modernismo no Brasil realce para os autores nordestinos dos anos 30 e 40 do século XX, constituidores do nomeado Romance de 30, que se configura como uma das mais expressivas literaturas brasileiras do período, ao lado dos reconhecidos autores paulistas.

Também foram analisadas as literaturas de consumo regional, corroborando o esforço de levar ao prosclênio outras possibilidades de expressão histórico-literárias, outrora silenciadas ou pouco conhecidas em recortes espaciais mais amplos. Nesse sentido, autores reconhecidos pela crítica especializada, porém, situados nas periferias da produção da cultura escrita nacional, ganham importância no Dossiê. Tomemos como casos exemplares Assis Brasil, Fontes Ibiapina, Ademar Vidal e Luiz Renato, através dos quais a historiografia e a crítica literária foram levadas a dar mais visibilidade a temas como a cidade, a pobreza, a modernização, os costumes, as práticas masculinas e femininas, a prostituição, as políticas urbanas, bem como a problematizar e colocar sob suspeição diferentes formas de exercício do poder.

As abordagens desenvolvidas em torno de livros, autores, editores, circulação de livros e formas de leitura sinalizam na direção do relevo conferido às expressões da censura promovida por regimes de exceção, marcadores de muitas décadas de gestão política especialmente na América Latina. Argentina e Brasil vivenciam as mesmas dificuldades e seus intelectuais se apoiam no sentido do usufruto mínimo do exercício da liberdade – experimentam uma liberdade restrita, mas possível, conforme aponta Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, ao se referir à prática literária da “autoria coletiva” e às inventividades dos autores e editores para escapar

2. Sobre a leitura, esse é um aspecto que deveria ser mais aprofundado, tendo em vista serem incompreensíveis essas continuidades sem um cuidadoso estudo de como funcionam o mercado editorial e as políticas públicas relacionadas aos livros escolares.

3. As escolhas dos colaboradores recaíram sobre obras e autores que compõem o cânone brasileiro e que podem ser situados como atuantes desde os meados do século XIX até as décadas recentes. No caso, os autores contemporâneos podem ser representados por Carolina Maria de Jesus, Ana Miranda, Jomard Muniz de Brito e Luiz Renato.

às censuras de seus respectivos países.

Pesquisadores de diferentes vinculações acadêmicas – História, Educação e Letras – nas suas muitas modalidades e nomeações (Literatura, Estudos Literários, Estudos Culturais, Estudos de Linguagens, Estudos Ortográficos, Linguística) conjugam-se neste Dossiê e apresentam suas descobertas e suas interlocuções principais, com o que podemos perceber o vasto espectro de leituras e as modalidades de apropriação, seja de teóricos reconhecidos em suas respectivas áreas de saber, seja das escolhas que guardam uma especificidade mais local. Esses panoramas de autores de referência podem ser vistos também no recurso a historiadores, teóricos da literatura e críticos brasileiros.

A surpreendente procura por este Dossiê é um indício da continuidade e quiçá do fortalecimento do interesse pelas duas áreas, da aproximação buscada entre a História e a Literatura e, de maneira tendencial, da vinda da Educação e do Direito, para a composição de novos estudos interessantes e instigadores são também os modos criativos e inumeráveis de apropriação das fontes e construção das narrativas, hibridizando autores e tendências que nos pareceriam inconciliáveis em décadas passadas.

Este Dossiê, inicialmente um projeto dos organizadores e dos editores da revista *Contraponto*, somente se viabilizou por ter se tornado um esforço coletivo, por ter encontrado boa recepção nos membros da comunidade acadêmica, que aceitaram o convite ao diálogo e disponibilizaram seus trabalhos ao escrutínio de um público mais amplo. Ao todo, foram mais de duzentos pesquisadores envolvidos na construção desta edição, profissionais que atuaram como autores, avaliadores, editores e secretários executivos, aos quais agradecemos o esforço e esmero empregados. Por fim, mas não menos importante, agradecemos ao professor Roger Chartier, que gentilmente aceitou o convite e disponibilizou um artigo para tradução, inédito em língua portuguesa e que, certamente, contribui para o constante repensar das relações entre História e Literatura.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 2. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1990.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a História entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Lisboa: Difusão Editorial, 2002.

CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DARNTON, Robert. *Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2019.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MOURA, Lucas Lima; LOPES, Maria Suely de Oliveira; LOPES, Sebastião Alves Teixeira. *A escrita no espelho: ensaios de metaficção*. Teresina: EDUFPI; Cancioneiro, 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. Entrevista. In: MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio (Org.). *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Ed. 34, 2002. p. 335-362.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1992.

VEYNE, Paul. *Acreditaram os gregos nos seus mitos?* Lisboa: Edições 70, 1983.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

VEYNE, Paul. *O inventário das diferenças: história e sociologia*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

WHITE, Hayden. *Tópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na História e na Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

